

OU CATHOLICO OU ROTARIO

I ROTARY CLUB E' SUSPEITO

O «Osservatore Romano», órgão oficial da Santa Sé, em seu número de 5 de fevereiro de 1929, assim se expressa: «A curiosa associação do Rotary Internacional deve ser considerada pelos catholicos como suspeita». O efeito:

TEM A MESMA FINALIDADE QUE A MAÇONARIA

Maçonaria (o Rotary Club) insere-se essencialmente PHILANTROPICA... tem por fim

III SEUS PROCESSOS SÃO EXCESSIVOS E DESLEAES

1. — O Rotary não pôde ignorar que está proibido pela Igreja para sacerdotes que pertençam a suas reuniões e até mesmo assistam às reuniões. (Decr. S. C. Consistório de fevereiro de 1929).

Isto, porém, lhe doe tanto que muitas vezes consegue levar algum padre mais ingenuo ou menos obediente aos seus caridosos agapes. Qual como antigamente na maçonaria.

Fonte: Correio Cathólico 11 de março de 1939

UBERABA

Moral Rotaryana

Varias vezes já tive oportunidade de escrever a respeito do «Rotary Club». No entanto é preciso que se lembrem, que o faço, não visando pessoas, mas defendendo os princípios sagrados da Santa Igreja Catholica de quem muito me orgulho ser um humilde discipulo. Em todos os meus artigos faço citações de escriptores assaz conhecidos.

Se portanto julgam alguns que sou antiquado no meu modo de pensar, sou atrasado em relação aos preclares hispos e

sinceramente respeitosos em face daquelles que não compartilham das suas». Portanto, cala-se o anti-divorcista deante do divorcista e divorciado, «pessoa da mais alta moral publica e privada» que ingressa no Rotary; silencio o pai de numerosa prole, deante do malthusianista theorico e pratico, tambem «pessoa da mais alta moral... etc.»! Silencio absoluto, tolerancia completa, para que assim haja «paz entre os homens»!...

Ainda mais; os rotaryanos são pessoas «que sin-

Fonte: Correio Cathólico 13 de janeiro de 1940

As críticas da Igreja Católica a todos esses setores por meio da imprensa católica demonstrou uma questão em comum fundamental para a problematização do nosso estudo. Longe de nos remeter a análises reducionistas das disputas políticas em questão, hipotetizamos que, também, as críticas ao Protestantismo, Espiritismo, Maçonaria e o Rotary Club, se davam em virtude de os mesmos serem adeptos de pressupostos filosóficos liberais existentes na sociedade capitalista. Pressupostos estes negados pelas concepções católicas existentes no Brasil e no exterior, motivando conflitos manifestos em processos educacionais que acirraram os debates nas décadas de 1930 e início da de 40.

Levantamos esta hipótese a partir de pressupostos existentes na história política do país e suas mediações na região. O protestantismo sempre esteve ligado ao capitalismo. Tal qual afirmamos anteriormente, uma importante contribuição sobre esta questão foi oferecida por Max Weber. Em a “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Weber afirmou que as ideias religiosas influenciaram diretamente a formação de um espírito econômico capitalista. As doutrinas de fé de origem calvinista, especialmente aquelas vinculadas à doutrina da predestinação, foram fundamentais para o fortalecimento e condição essencial para o surgimento do capitalismo. O esforço produtivo no presente garante a salvação no futuro.

“A combinação do ascetismo racional que limitava o consumo e seu resultante acúmulo de riquezas providenciou o capital excedente necessário para expandir o sistema de capitalismo econômico. É a fórmula essencial sobre a qual se baseia o espírito do capitalismo. Conforme Weber, o protestantismo criou uma ética inteiramente nova: a ética do trabalho. Propõe que um valor ético foi capaz de criar as condições para um desenvolvimento econômico, e torna-se, desse modo, um outro clássico fundamental na literatura sociológica. Weber deixa claro que sua tese tem a ver com a origem do espírito do capitalismo moderno e não com o capitalismo atual. Da sociedade moderna, ele diz que a capa dos bens materiais tem se tornado uma gaiola de ferro. O ascetismo religioso entrou em decadência, deixando o homem moderno com um sistema econômico que governa sua vida com força irresistível, sem levar em consideração sua preocupação com aquisição econômica.”

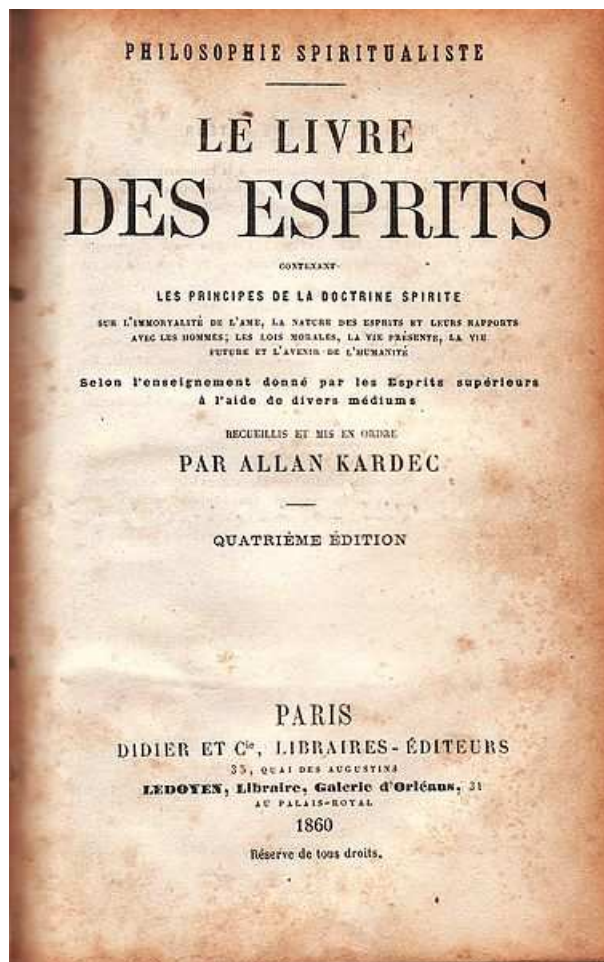
(Fonte: <http://pt.shvoong.com/books/425682-%C3%A9tica-protestante-esp%C3%A9rito-capitalismo/#ixzz1OsQBcNDa> acesso dia 10 de junho às 10 horas.)

O debate sobre a individualidade, também, está presente na doutrina espírita. Ela ganhou impulso no século XIX, no ano de 1848, nos Estados

Unidos, cidade de Hydesville, estado de Nova York. Em 17 de setembro de 1865, ainda no período do Império, foi criado no Brasil o primeiro centro espírita, na cidade de Salvador, estado da Bahia, denominado “Grupo Familiar de Espiritismo”.

O Espiritismo foi fortemente influenciado pelo positivismo e o liberalismo. A influência do positivismo se deu pela busca da cientificidade para a explicação dos fenômenos de encarnação e desencarnação. Para a doutrina espírita, o espírito humano é entendido como imortal vivendo em constante mudança através de dois estágios presentes na natureza. O estágio terreno, composto pelos espíritos encarnados junto aos corpos físicos e o estágio espiritual habitado por espíritos desencarnados que deixaram o corpo físico.

A influência do liberalismo se deu na construção do conceito de livre arbítrio. O livre arbítrio é entendido como a capacidade individual de autodeterminação, do poder de decisão por si próprio. No espiritismo, o debate sobre o livre arbítrio se realiza no Livro dos Espíritos, capítulo X, Da lei de Liberdade, terceira parte da obra, oito questões relativas ao tema em questão. Entre as questões ali apresentadas estão a relação entre o livre arbítrio e o evolucionismo. O livre arbítrio é uma faculdade humana que dá racionalidade ao homem, aproximando-o, de certa forma, ao criador.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Le_Livre_des_Esprits_2.jpg acesso dia 10 de junho às 11 horas.

Tomando como referência os pressupostos evolucionistas oriundos do pensamento de Charles Darwin, a doutrina espírita entende que o livre arbítrio é a ferramenta que permite aos homens evoluírem de estágios selvagens para estágios superiores. Para essa concepção, o livre arbítrio em conjunto com a consciência humana são as ferramentas que permitem ao homem avançar de estágio. O homem é entendido como um ser singular ao qual a evolução de sua existência, também, é um processo individual. A noção de individualismo e evolucionismo são as bases da doutrina espírita, ao entender que a evolução de estágios primitivos para estágios superiores potencializa o crescimento do homem aproximando-o de Deus.



Centro Espírita Mercedes Chaves - Uberaba

Fonte: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,7762>

Essas afirmações influenciaram fortemente tanto a maçonaria como os rotarianos. O evolucionismo e o individualismo são bases filosóficas que sustentam ambas as instituições. As ligações da maçonaria com esses pressupostos, bem como o pensamento liberal não são novas. A Maçonaria participou ativamente da Revolução Francesa e da independência dos Estados Unidos.

Para Mansur Barata, a maçonaria pode ser entendida como a rede de sociabilidade, porque ajuda a compreender a construção de uma nova cultura política, marcada por um forte processo de politização do espaço intelectual organizado pela própria maçonaria. Para ele, no interior das lojas, os maçons construíam uma forma social própria, baseada na liberdade, igualdade e fraternidade. Mansur compreende que é preciso resgatar a Maçonaria como uma instituição formadora de opinião e que isto implica a necessidade de pensá-la, antes de mais nada, como uma forma específica de sociabilidade que possui caráter secreto-fechado (1999, p. 116). Segundo sua visão, a Maçonaria no final do século XIX se transforma em centros de discussão e de formação de consenso sobre grandes temas que procuravam construir uma nova identidade nacional. Neste período, os maçons tinham profundo interesse em intervir na resolução dos problemas nacionais, segundo Mansur, especialmente em relação à questão servil e à idéia de República. Estas duas bandeiras foram elementos fundamentais para o posicionamento maçônico no quadro político nacional. A campanha abolicionista se espalhava pelas Lojas Maçônicas do Brasil. Os ideais republicanos vinham ao encontro com as aspirações políticas dos principais expoentes da Maçonaria Brasileira. Os maçons compreendiam que: [...] “Constituição liberal e progressista, a Maçonaria, dentro de seus princípios, sempre teve em mira o bem estar do povo, a pureza do regime, a grandeza da pátria, prestigiando com o seu poder e a sua força, os governos que se distinguem pela sua operosidade em prol da causa pública, pela sua justiça, pelo seu patriotismo (Giusti, 1922, p. 92).” [...] Numa perspectiva bastante

semelhante ao de Mansur, Koselleck afirma que no século XVIII a maçonaria representava a formação típica de um “poder indireto”, elaborado pela burguesia diante de um Estado absolutista. A maçonaria representava uma organização particular à nova sociedade civil. Para ele, dentro das lojas, os maçons articulavam uma forma social própria e com suas próprias leis. Este “poder indireto” praticado pelos maçons dentro das Lojas representa para o autor uma certa hegemonia diante do Antigo Regime. Era uma forma de praticar a igualdade social no interior das Lojas. (Silva, 2007:96)

No Brasil, a maçonaria participou do processo político nacional desde o tempo do Império tendo em seus quadros Dom Pedro I que mesmo maçom, ordenou o fechamento da maçonaria no Brasil. Dom Pedro I fechou o Grande Oriente do Brasil, órgão organizador da maior parte das lojas nacionais, em virtude de disputas que ocorriam em seu interior sobre como deveria funcionar a organização e regime político brasileiro. Um dos grupos, liderado por José Bonifácio, defendia a Monarquia Constitucionalista. O outro grupo, liderado por Gonçalves Ledo, era a favor do regime republicano. Como o segundo grupo passou a ser hegemônico, Dom Pedro I, temendo o avanço das ideias republicanas e liberais no Brasil ordenou o fechamento da maçonaria.

O Grande Oriente do Brasil foi reaberto no segundo império por Dom Pedro II, período em que se desenvolveu uma grande crise entre a Maçonaria e a Igreja Católica. Entre os anos de 1872 e 1875, a Igreja Católica ordenou que vários padres se tornassem maçons com a estratégia de difundir e impor o catolicismo às Lojas Maçônicas. Houve reação do Grande Oriente do Brasil, visto que a Maçonaria recebe em seus quadros homens de diferentes credos religiosos não se baseando em nenhuma religião específica. Como desdobramento deste processo, os referidos padres foram expulsos da ordem maçônica, despertando a fúria do Papa Pio IX que mais uma vez condenou a Maçonaria.²³ Essa condenação do Grande Oriente do Brasil se soma às outras condenações realizadas anteriormente pelo Papa.²⁴

²³Fonte: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081206163800AABb3Ce> acesso dia 12 de junho às 18 horas.

²⁴ Segue abaixo as principais condenações da Igreja Católica à maçonaria.

- **684** - Fideles laude digne sunt, si sua dent nomina associationibus ab Ecclesia erectis vel saltem commen datis; caveant autem ab associationibus secretis, damnatis, seditiosis, suspectis au quae studeant sese a legitima Ecclesiae vigilantia subducere.
- São dignos de louvor os fiéis que se inscreverem nas associações erigidas ou ao menos recomendadas pela Igreja; mas fugirão das associações secretas, condenadas, sediciosas, suspeitas, ou que procuram evadir-se da legítima vigilância da Igreja.

Apesar de ser considerado no início como um liberal, o seu pontificado passou a ser considerado como uma mudança no sentido do conservadorismo por seus críticos. Pio IX iniciou uma campanha contra o que chamou de *falso liberalismo*. Na encíclica *Quanta Cura* de 8 de dezembro de 1864, condenou dezesseis proposições que contrariavam a visão católica na época. Esta encíclica foi acompanhada pelo famoso *Syllabus errorum*, que condenava as ideologias do panteísmo, naturalismo, racionalismo, indiferentismo, socialismo, comunismo, franco-maçonaria e várias outras formas de liberalismo religioso tidos por incompatíveis com a religião católica. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_IX acesso dia 13 de junho de 2011 às 22 horas.)

-
- **693** - A catholici et damnatae sectae adscripti aut censura notorie irretiti et in genere publici peccatores valide recipi nequeunt.
 - Os católicos e os adscritos às seitas condenadas, ou os notoriamente incursos em censura e, em geral os pecadores públicos, não podem ser recebidos com validade.
 - **1240** - #1 Ecclesiastica sepultura privantur, nisi ante mortem aliqua dederint poenitentiae signa : Notorii apostatae a christiana fide, aut sectae haereticarum vel schismaticarum aut sectae massonicae alieiusdem generis societatibus notorie addicti;
 - Estão privados da sepultura eclesiástica, a não ser que antes da morte houvessem dado algum sinal de arrependimento os notórios apóstatas da fé cristã ou os notoriamente filiados numa seita herética ou cismática ou seita maçônica ou outras sociedades do mesmo tipo.
 - **1339** - Ipso iure prohibentur (# 8 – Libri Qui duellum vel siucidium, vel divortium licita statuunt, Qui de sectis massonicis vel aliis eiusdem generis societatibus agentes, eas utiles et non perniciosas Ecclesiae et civili societati esse contendunt):
 - Estão proibidos por este decreto (# 8). Os livros que declaram lícitos o duelo e o suicídio, ou o divórcio, e os que tratando das seitas maçônicas ou de outras sociedades análogas, pretendem provar que, longe de serem perniciosas, resultam úteis para a Igreja e a sociedade civil.
 - **2335** - Nomem dantes sectae massonicae aliisve eiusdem generis associationibus quae contra Ecclesiam vel legitimas potestates machinantur, contrahunt ipso facto excommunicationem Sedi Apostolicae simpliciter reservatam.
 - Os que dão o seu nome à seita maçônica ou outras associações do mesmo gênero, que maquinam contra a Igreja ou contra as potências cíveis legítimas, incorrem imediatamente do ato, em excomunhão simplesmente reservada à Sede Apostólica.
 - **2336** - # 2 – Insuper clerici et religiosi nomen dantes sectae massonicae aliisque similibus associationibus denunciari debent Sacrae Congregationi S. Officii.
 - # 2 – Os clérigos e os religiosos que dão o seu nome à seita maçônica ou a outras associações semelhantes devem também ser denunciados à Sagrada Congregação do Santo Ofício.
- (Fonte: <http://www.obreirosdeiraja.com.br/a-maçonaria-e-a-igreja-catolica/> acesso dia 13 de junho às 23 horas.)



Papa Pio IX discursando em 1863. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_IX acesso dia 13 de junho de 2011 às 22 horas.



A maçonaria esteve presente na abolição da escravatura e na constituição da República Brasileira. Um movimento não pode ser problematizado sem o outro, pois são inerentes ao mesmo pensamento político do período histórico em questão.

Com referência à abolição da escravatura, o pensamento de Joaquim Nabuco influenciava as lojas maçônicas no Brasil.

Seu projeto foi publicado em 1883 como livro intitulado O Abolicionismo. Surgiu em um momento que se divulgava a radicalização do trabalho servil nos meios urbanos e rurais (Tasifanato, 2004, p. 34). Propunha a extinção do trabalho escravo: Em 1850, queira-se suprimir a escravidão, acabando com o Tráfico; em 1871, libertando desde o berço, mas de fato depois de vinte e um anos de idade, os filhos de escrava ainda por nascer. Hoje quer-se suprimi-la, emancipando os escravos em massa e resgatando os ingênuos da servidão da lei de 28 de setembro. É este último movimento que se chama Abolicionismo e só este resolve o verdadeiro problema dos escravos, que é a sua própria liberdade [...] era preciso apagar todos os efeitos de um regime que, há três séculos, é uma escola de desmoralização e inércia, de servilismo e irresponsabilidade para a casta dos senhores, e que fez do Brasil o Paraguai da escravidão.²⁵ (Nabuco, 1988. p. 26-27 in Silva, 2007:102).

O que estava em discussão era a construção de um projeto nacional voltado à conscientização nacional de uma sociedade não mais baseada no trabalho escravo, mas sim pelo trabalhador livre da escravidão e movido pelo trabalho assalariado. Este processo não era neutro, mas sim defensor de uma visão de mundo de uma classe social.

Silva (2007), analisando o Jornal “Diário de Sorocaba”, de 1 de janeiro de 1888, demonstrou em sua pesquisa o pensamento da Loja Maçônica “Perseverança III” na cidade de Sorocaba, estado de São Paulo, manifesto na imprensa.²⁶

Quanto às tendências políticas, as conferências públicas deixando um profundo sulco de luz nos ânimos e as inúmeras adesões ao republicanismo, deixaram patente que, enquanto a velha máquina das instituições monárquicas, não tinham o curso necessário para ganhar

²⁵ Grifos meus.

²⁶ O desenvolvimento de pesquisas sobre a maçonaria, a política e educação no Triângulo Mineiro constitui-se em rico material a ser investigado.

terreno, a república sorria acoroçoando os nossos mais caros interesses locais. Sob estes auspícios surge 1889 que representa para todos a máxima expressão de sentimentos que se prendem ao futuro! Para a vida econômica e política do monarquismo; as incertezas. Para a República, uma aspiração. Para os diversos misteres da vida econômica e social, uma esperança. (2007:103)

A participação da maçonaria em defesa dos princípios liberais presentes no Movimento Republicano Nacional implicou na crítica contínua à escravidão, elaborando instrumentos de luta contra o analfabetismo existente entre os escravos através da construção de escolas noturnas, o oferecimento de gabinetes de leitura nas próprias lojas, entre outras ações.

Para Silva (2007), a resistência da maçonaria ao analfabetismo e escravidão é exemplificada pelas ações de Rui Barbosa, membro da maçonaria. Rui Barbosa apresentou ao Grande Oriente do Brasil, órgão organizador da maior parte das lojas maçônicas do país, um projeto voltado à defesa da abolição como lei obrigatória para todas as lojas maçônicas brasileiras. Este projeto continha 12 artigos – merecendo destaque a criação de escolas para os filhos de escravos.

No primeiro artigo do documento, o texto afirma que a Maçonaria deveria propagar a luta contra o servilismo e expandir a educação popular, utilizando para tanto os recursos intelectuais da imprensa, da tribuna e do ensino. O segundo artigo afirma: Todas as Lojas maçônicas sujeitas ao Grande Oriente do Brasileiro, assim presentes como futuras, não poderão alcançar nem continuar a merecer o título e os direitos de oficinas regulares e legítimas sem que adotem pelo mesmo modo esses dois princípios sociais, comprometendo-se a trabalhar por eles com eficácia e tenacidade.²⁷ [...] O projeto de Rui Barbosa propunha punição as Lojas que não integrassem o movimento encabeçado pela Maçonaria. [...] O terceiro artigo propunha a captação de recursos financeiros pelas Lojas e a construção de uma verba especial reservada ao alforriamento de crianças escravas. Esta verba era destinada para a construção e escolas populares e escolas noturnas. As escolas populares deveriam ser freqüentadas pelas crianças e as noturnas pelos adultos. [...] No artigo 5o, afirma: Nenhum indivíduo poderá mais obter o título e os privilégios de legítimo maçom sem que primeiramente, antes de receber a iniciação, declare livres todas as crianças do sexo feminino que daí em diante lhe possam provir de escrava sua.²⁸ (Rui Barbosa, 1871 In Silva, 2007: 105).²⁹

²⁷ Grifos meus

²⁸ Grifos meus.

²⁹ “A Loja Perseverança III antes do projeto de Rui Barbosa já havia estabelecido este projeto emancipatório e educacional. Em 7 de agosto de 1869, Leite Penteado, afirma: A luta maior da nacionalidade se aproxima. Nós somos os obreiros precursores do movimento libertário e educacional no

A constituição do Manifesto Republicano de 1870 exemplifica esta afirmação. Entre aqueles que o assinaram estavam Quintino Bocaiúva, Salvador de Mendonça e Saldanha Marinho, todos esses vinculados à maçonaria. O Manifesto tecia considerações sobre os limites da Monarquia, elaborando, a partir da dúvida do poder do Império sobre as Províncias, a necessidade da construção humana de outra ordem política e social mais avançada do que a vigente. O manifesto representava o anseio pela construção de outra sociedade regida por padrões europeus de desenvolvimento manifestos pelo crescimento gradativo da sociedade capitalista e com ela os pressupostos liberais vigentes até então.

O pensamento liberal, também, esteve presente na maçonaria no Triângulo Mineiro. Em 1859 foi fundada, em Uberaba, a Loja Maçônica “Amparo da Virtude II”. Essa loja parou suas atividades em 1870, retomando-as em 1872. Em 1896 foi fundada, em Uberlândia, a loja Maçônica “Luz e Caridade”, em atividade até os dias atuais. Essas lojas foram fundadas por comerciantes, empresários e profissionais liberais.³⁰

A Loja “Amparo da Virtude”³¹ realizou um conjunto de campanhas junto aos maçons a ela ligados voltados à arrecadação de fundos financeiros com finalidade de compra da liberdade dos escravos existentes na região. Em 1875, em assembleia realizada na loja, foi decidido que toda a renda arrecadada nos fundos maçônicos seria voltada para a compra de cartas de alforria de escravos.³² A maior parte dos integrantes desta loja maçônica eram filhos de senhores de engenho e alguns nobres de origem portuguesa que, extremamente influenciado pelos ideais liberais iluministas, lutavam contra a escravatura e

seio das lojas. Não há ocasião mais propícia ao início das atividades referidas do que o 7 de setembro. Nestas condições, submeto à apreciação da oficina a seguinte propositura: a) que esta respeitável loja, comemorando a independência do Brasil, a 7 de setembro, nesse dia inaugure a escola noturna que se propôs estabelecer; b) que nesse dia se esforce por libertar os menores escravos que os seus recursos permitirem; c) que se alugue uma casa e se compre mobília para a oficina e para a escola.” (Silva, 2007: 106)

³⁰ Antonio Pereira.

Fonte: http://www2.correiodeuberlandia.com.br/coluna/2011/01/APSILVA/55/-1/cronica_da_cidade.html/30/01/2011 acesso dia 9 de junho de 2011 às 10 horas.

³¹ Esta loja encerrou suas atividades no ano de 1886, retomando suas reuniões 125 anos depois.

³² Fonte: <http://lamparodavirtude0276.no.comunidades.net/index.php?pagina=1581522682> acesso dia 9 de junho de 2011 às 11 horas.

pela construção de uma sociedade de cunho capitalista movida não mais pelo trabalho escravo, mas, pelo trabalho assalariado.

As críticas da Igreja Católica através do Jornal “Correio Cathólico” à maçonaria uberabense se davam principalmente aos integrantes de Loja “Estrela Uberabense”, fundada em 1918, e em atividade até os dias atuais. Essa loja maçônica era formada por comerciantes, fazendeiros e profissionais liberais defensores do liberalismo.



Loja Maçônica Estrela Uberabense nº 941

Fonte: http://www.aminternacional.org/galeria_AniversarioLjUberabense.html



Abóbada Sagrada Loja Estrela Uberabense nº 941

Fonte: http://www.aminternacional.org/galeria_AniversarioLjUberabense.html

O Rotary Club também era representante do pensamento liberal. Fundado em 23 de fevereiro de 1905, em Chicago, Estados Unidos pelo maçom Paul Harris.



Foto Paul Harris

Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_AfmtTbtbME0/TUMVkaLH2BI/AAAAAAAAAbQ/-ymQmCFGoUs/s1600/paul+percy+harris.jpg

Em 27 de janeiro de 1947, quando faleceu Paul Harris, existiam aproximadamente 6.000 Rotary Clubes em diferentes países. A exemplo da maçonaria, o Rotary Clube também esteve presente na política dos diferentes países. Entre os rotarianos estão políticos envolvidos com a administração de cidades e estados do Brasil.

Muitos maçons são rotarianos, mas, nem todos rotarianos são maçons. Porém, em Londres, na Inglaterra, algumas lojas maçônicas são compostas exclusivamente por rotarianos.



Bairro de Realengo no estado do Rio de Janeiro

Fonte: <http://franskinleite.blogspot.com/2011/05/rotary-e-maconaria-existe-alguma.html>

Entre os anos de 1928 e 1929 desenvolveu-se uma campanha internacional contra o Rotary Club liderado pelo jornal “La Civilla”, de Roma, de orientação editorial católica, destacando que o código de ética do Rotary tinha princípios similares ao da maçonaria e que os ensinamentos filosóficos e morais tinham orientação religiosa oposta aos ensinamentos católicos.³³

No Brasil, em 15 de dezembro de 1922, foi fundado o primeiro Rotary Club na cidade do Rio de Janeiro. Inserido nas profundas transformações em curso no país, atuou na política defendendo transformações no país influenciadas pelo final da primeira grande guerra mundial. É assim que os rotarianos destacam o debate trazido pela Semana de Arte Moderna, na cidade de São Paulo, como um processo de profundas mudanças culturais e econômicas no país. O entusiasmo por essas questões é retratado na citação abaixo sobre a história do Rotary.

O ano de 1922, que viu surgir o rotarismo no Brasil, foi particularmente significativo. Em São Paulo, na Semana de Arte Moderna, os artistas e intelectuais brasileiros rompiam com os estilos

³³ Distribuído em vários países, o jornal defendia a ideia que o clube era “demasiadamente amigo dos maçons” e “perigosamente inclinado ao erro de tratar todas as religiões de igual valor”.

Fonte: <http://www.obreirosdeiraja.com.br/o-rotary-club-e-a-maconaria/> acesso dia 9 de junho de 2011 às 23 horas.

tradicionais, numa demonstração da maturidade da cultura de vanguarda em nosso país. A preocupação com a arte, no terreno da música, da pintura, da caricatura, da literatura, da poesia e do teatro, foi sempre uma constante entre os rotarianos. Todas as nossas grandes festas, como se verá adiante, foram sempre emolduradas com representações artísticas dos maiores nomes da cultura brasileira, como Coelho Netto, Eleazar de Carvalho, Villa-Lobos, Bensazoni Lages, Stella Leonardos e tantos e tantos outros. Em nossa cidade, um novo Rio surgia em contraposição ao velho Rio das epidemias, que, antes, até mesmo, lhe valera o apelido de "cidade necrópole." A obra de Pereira Passos e de Oswaldo Cruz havia resultado numa metrópole saneada, com seus jardins, praças e boulevards clamando para serem exibidos a quem aqui chegasse. (Fonte: <http://www.rotaryrj.org.br/historia.php>. acesso dia 09 de junho às 23h 30 m)

As críticas dos segmentos católicos à Maçonaria, Rotary Club, Espiritismo e Protestantismo destacam um processo de disputas políticas existentes na região. Essas disputas se manifestaram pelo controle religioso acompanhadas pela luta contra concepções liberais e laicas que negavam os pressupostos metafísicos oriundos da Igreja Católica. Um movimento conservador que não negava as formas de produção e exploração existentes na sociedade nas décadas em estudo, visando, antes de tudo, o controle político da região.

As posições desses diferentes segmentos políticos manifestos pela imprensa são fundamentais para a recuperação do pensamento educacional no período em questão. As diferentes correntes educacionais estiveram presentes no Triângulo Mineiro produzindo críticas, denúncias, elaborando propostas e encaminhamentos. É o que demonstraremos na próxima parte deste trabalho.

IV

A EDUCAÇÃO NO TRIÂNGULO MINEIRO APRESENTADA PELAS FONTES DE JORNAL.

As concepções políticas apresentadas na parte anterior deste trabalho foram fundamentais para a recuperação do pensamento educacional no Triângulo Mineiro manifesto na imprensa. As preocupações existentes quanto ao rumo da educação no Brasil relacionadas à leitura e especificidades locais no Triângulo Mineiro manifestaram visões de mundo entendendo o presente e suas expectativas para o futuro. Demonstraremos nesta parte o que dizem as fontes pesquisadas nos jornais sobre o tema em pesquisa.

4.1 – Jornal “O Triângulo”

A análise do jornal “O Triângulo”, de Araguari demonstrou preocupações com referência ao fomento da educação rural na região. Essa foi uma tendência presente tanto neste jornal, como nos jornais “A Tribuna” e “Correio e Comércio”.

As preocupações com o analfabetismo e os altos índices de analfabetismo se faziam presentes na região. A saída para o problema seria a estruturação de toda a educação voltada para o trabalho no campo. Isso implicaria na rediscussão do próprio sentido da escola, atribuindo à mesma uma função social relacionada dialeticamente à realidade econômica e social da região.

O que se buscava era uma definição local para a constituição de um modelo de operário agrônomo na região relacionado com a potencialidade de desenvolvimento da região. Merece destaque as formas embrionárias de construção dos alicerces do nacional desenvolvimentismo oriundos do governo Vargas. Dentro dessas formas estão presentes os discursos de progresso e modernidade interpretados a partir da realidade histórica e econômica das diferentes regiões do país. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de destacar a

influência dos pressupostos educacionais defendidos por João Pinheiro, o governador mais jovem do estado de Minas Gerais, voltado a implantar a educação no campo como forma de acelerar o desenvolvimento do estado de Minas Gerais.

De acordo com Bomeny (2005), os pressupostos educacionais de João Pinheiro deveriam se pautar pela implantação da educação no campo.

[...] ruptura com atraso [e] significava [...] a reorganização, em bases racionais e técnicas, o trabalho agrícola, da fixação do homem rural, dos instrumentos e agências de produção. Sintonizavam-se, ainda, com a corrente ruralista que via o ensino profissional agrícola as possibilidades de recuperação do homem no campo e, por extensão, da própria agricultura brasileira. (João Pinheiro in Bomeny, 2005: 143)

A referência de João Pinheiro sobre a agricultura é corroborada na citação abaixo, em entrevista ao Jornal “Paiz”, no ano de 1906:

Fazemos um cálculo, de que esta indústria, uma vez estabelecida em Minas, podia trazer um trabalho e uma movimentação econômica à sua população [...], [entretanto], [...] vemos que haveria em Minas um número limitado de pessoas beneficiadas por ela, em uma população de mais de quatro milhões. Feita a soma das indústrias que poderiam prosperar aqui, vê-se ainda que elas não correspondem a um quarto da população do Estado. A questão agrícola é ainda o fato capital. (Idem. ibid: 13)

É assim que em relação ao atraso da educação pública no Brasil, tomando como referência o estado de Minas Gerais, João Pinheiro apontou a seguinte alternativa:

“A solução para isso [...] é a educação técnico-agrícola, começando nas escolas primárias, para o preparo dos operários rurais do amanhã, indo até o ensinamento do próprio lavrador pela constituição de pequenas fazendas-modelo. Para isso instituirei um ensino técnico-primário, ministrado nas escolas públicas, de modo concreto, sem teorias, paralelamente ao ensino das leituras, da escrita e da aritmética. O menino da roça, no tempo que aprende a ler, a escrever e a contar, aprende praticamente todas as coisas que se fazem mister para que ele seja amanhã um inteligente operário rural: verá o que é uma máquina agrícola, o que se obtém com ela; ensinar-lhe-ão, não por teoria, mas por modelos de madeira que se armam e desarmam, como se pratica na Argentina e nos Estados Unidos, a maneira pela qual se constrói uma casa, como se arma uma tesoura, como se apruma um pé direito, e esse rapazinho, que sai da escola uma soma de conhecimentos práticos que armam para a luta da vida (Idem. ibid:13)

João Pinheiro, na presidência do estado de Minas Gerais entre os anos de 1906 a 1908, entendia que os investimentos no setor primário potencializariam a criação de novos empregos. Esses são pressupostos utilizados para a defesa incondicional de um projeto educacional para o estado de Minas Gerais.

[...] com o auxílio da educação e da tecnologia, pretendia uma mudança em seus aspectos econômicos, sociais e culturais, pois, com a *instrução*, Minas poderia produzir vantajosamente, tornando-se forte em termos econômicos e conquistando respeito. Em entrevista concedida ao jornal *O País*, e publicada no jornal *Minas Gerais* em 20/09/1906, João Pinheiro apontou a fixação do trabalhador no campo, começando pelo trabalhador nacional, e a educação profissional do agricultor como as questões essenciais do problema agrícola. Em sua proposta, a educação técnico-agrícola começaria pela escola primária, preparando “os operários rurais”, indo até o ensinamento ao próprio lavrador pela constituição das fazendas-modelo, o ensino secundário. A aprendizagem profissional incluía, além dos lavradores, também os “rapazes pobres”. Pelos anais do Congresso Agrícola, Industrial e Comercial de 1903, é possível perceber que, de uma maneira geral, a estrutura proposta para o ensino agrícola tinha base em experiências como as de Gante e Amber, na Bélgica, a de Grignon, na França e, principalmente, a da *Escuela de Agricultura y Ganaderia de Córdoba*, na Argentina. (Machado e Gonçalves, 2009: 1)

A dificuldade existente em conseguir força de trabalho qualificada para o trabalho agrícola justificava a construção de projetos educacionais voltados para o campo. Machado e Gonçalves (2009) afirmam a necessidade defendida por João Pinheiro e seus seguidores da construção de um ensino especializado para o campo voltado à valorização do caráter prático das atividades laborais.

“Instruamo-nos para podermos produzir vantajosamente; e produzamos para sermos fortes e respeitados”. Estas conceituosas palavras, dirigidas por sábio economista americano a seus patrícios, devem ficar profundamente gravadas no espírito de todos que amam verdadeiramente a sua pátria e desejam seu engrandecimento; pois, a instrução e a produção são os fatores da riqueza e da grandeza física e moral de um povo. De fato, sem instrução não pode haver produção vantajosa, quer na ordem física e material, quer na ordem moral e intelectual; e sem produção vantajosa nesses dois campos, não pode haver riqueza e fortaleza que façam respeitar os foros e direitos de um povo (...) a falta de produção vantajosa é a origem da miséria e da pobreza do povo, é o caminho que o leva ao aniquilamento e à absorção pelos mais fortes. Portanto, a instrução, a difusão do ensino, é a necessidade mais imperiosa de um povo; é a condição essencial, sine qua non, da sua prosperidade (Fund. J. P. Belo Horizonte, 11 [5/6] 122-220, mai./jun. 1981, p. 186 in Machado e Gonçalves, 2009: 6).

A existência de um número elevado de analfabetos constituía-se, na concepção de João Pinheiro, uma missão política muito mais do governo do que da iniciativa privada. Isso implicaria na construção de processos de instrução dos agricultores voltados para o aperfeiçoamento da prática, condição inegável para a melhoria das condições de trabalho e aumento da produção agrícola.

A teoria pura frequentemente induz o agricultor a falsos raciocínios; pode originar concepções quiméricas, que se dissipam diante das dificuldades reais da prática, acarretando desastres e reveses que erroneamente podem ser levados à conta do método científico, que o explorador inexperiente não sabe aplicar. Mas a seu turno, a prática não dispensa a teoria, que se funda na observação e interpretação científica de uma série sucessiva de fatos, estudando as leis que presidem a sua produção, estudando os meios de obter a reprodução daquelas diante da diversidade de condições da natureza em cada tempo e lugar (Idem. *ibid*: 7).

Essas estratégias para o ensino, em que pese as características inerentes ao trabalho no campo, reproduziam os pressupostos inerentes à divisão do trabalho oriundas do modo de produção capitalista. Mesmo considerando que as mudanças inerentes à maquinaria tinham suas particularidades e especificidades no Brasil, os pressupostos filosóficos ali apresentados se baseiam em seus princípios consolidando uma estratégia educacional para a construção de uma sólida divisão do trabalho no campo.

Por outro lado, porém, o conceito de trabalho produtivo se estreita. A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital. Se for permitido escolher um exemplo fora da esfera da produção material, então um mestre-escola é um trabalhador produtivo se ele não apenas trabalha as cabeças das crianças, mas extenua a si mesmo para enriquecer o empresário. O fato de que este último tenha investido seu capital numa fábrica de ensinar, em vez de uma fábrica de salsichas, não altera nada na relação. O conceito de trabalho produtivo, portanto, não encerra de modo algum uma relação entre a atividade e o efeito útil, entre trabalhador e produto de trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, formada historicamente, a qual marca o trabalhador como meio direto da

valorização do capital. Ser trabalhador produtivo não é, portanto, sorte, mas azar (Marx, 1988: pp. 101-102).³⁴

A divisão do trabalho poderia constituir elevação de ganhos de produtividade e intensificação do trabalho no campo, alicerçando os produtores rurais e o estado a eles vinculado a patamares de progresso tecnológico em nível internacional, garantindo o aumento da competitividade do estado no mercado mundializado. É com percepção desta dialética entre o local, o regional, o nacional e internacional que os debates sobre o ensino agrícola se manifestaram.

É preciso reconhecer que a argumentação, em que se baseia o ensino prático, revela uma meta de produção que almejava se projetar competitivamente no mercado nacional e internacional. Minas buscava posição frente à tendência mundial de modernização agrícola, que se fazia, principalmente, por meio de métodos que atendiam ao uso de suplementos químicos e crescente mecanização. Nessas condições, a prática da agricultura e *indústrias conexas* demandava sérios estudos e conhecimentos especializados, o que, por sua vez, vinculava o progresso agrícola e industrial à instrução técnica e profissional a ser ministrada em escolas e institutos. Visava-se, dessa maneira, formar a *futura geração de agricultores e industriais*. (Machado e Gonçalves, 2009: 7)

As propostas de João Pinheiro sobre o ensino rural se baseavam nas experiências internacionais exitosas desenvolvidas na Europa, Estados Unidos e na cidade de Córdoba, na Argentina no século XIX. O progresso se justificava pela adoção de propostas educacionais de ensino teórico e prático na área de ciências agrônomas e zootecnia. No Brasil, a proposta era a formação de estações agrônômicas “[...] especializadas em diversas zonas do estado, estabelecendo-se, inclusive, alguns postos zootécnicos e cursos temporários práticos sobre especialidades. Valorizava-se, sobretudo, a possibilidade de

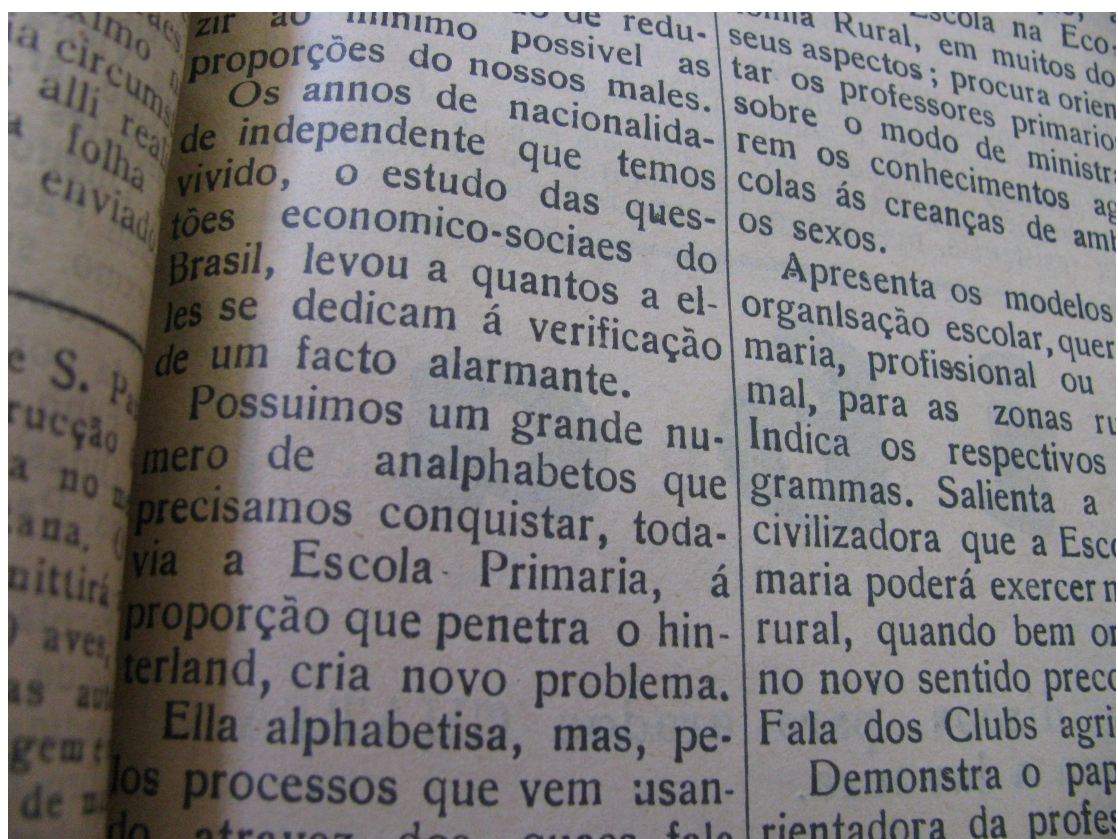
³⁴ “[...] com o desenvolvimento da maquinaria, as condições de trabalho também surgem como dominando o trabalho do ponto de vista tecnológico, e ao mesmo tempo o substituem, oprimem-no, tornam-no supérfluo em suas formas autônomas. Nesse processo, no qual as características sociais do trabalho se contrapõem aos operários de maneira, por assim dizer, capitalizada – tal como, por exemplo, na maquinaria os produtos visíveis do trabalho aparecem como dominantes deste –, ocorre o mesmo com as forças naturais e a Ciência – o produto do desenvolvimento histórico geral em sua quintessência abstrata – que lhes opõem como potências do capital. De fato, separam-se da habilidade e do saber do operário individual, e, ainda que observadas em sua origem sejam, por sua vez, produto do trabalho, surgem em toda a ocasião em que ingressam no processo de trabalho, como incorporadas ao capital.” (Marx, 1978: pp. 86-87).

aplicar um sistema de difusão do ensino prático por meio de instrutores ambulantes” (Machado e Gonçalves, 2009: 8)

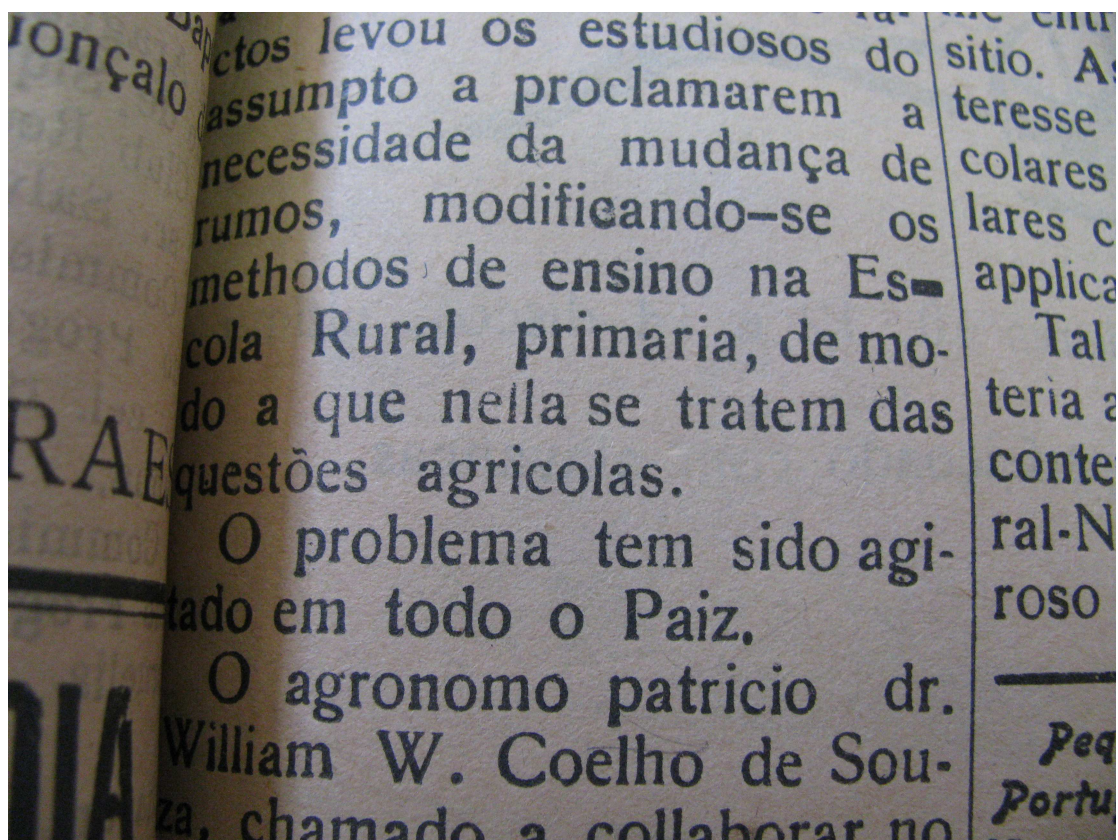
Esses são fundamentos que propiciavam a João Pinheiro uma defesa incondicional do ensino agrícola como instrumento para a superação do analfabetismo e melhoria das condições de produção e trabalho no campo. Com efeito, a educação agrícola:

A educação técnico-agrícola começaria pela escola primária, preparando os *operários rurais de amanhã*, e se estenderia até a formação do próprio lavrador pela constituição das fazendas-modelo. [...] O ensino técnico-primário seria ministrado nas escolas públicas, de modo concreto – sem teorias –, paralelamente ao ensino da leitura, da escrita e da aritmética. *O inteligente operário rural*, a exemplo da Argentina e dos Estados Unidos, seria ensinado por modelos de madeira e por outros meios concretos que pudessem prepará-lo para o cotidiano das propriedades rurais. [...] Por fim, o ensino técnico-superior deveria ser dado pela União, em sessões anexas às Faculdades Superiores, especialmente às Escolas de Engenharia. E, inspirado no ensino prático alemão, apresentaria um modelo mecânico para o estudo da organização e funcionamento das máquinas. (Idem. *ibid*: 9-12)

Esses pressupostos influenciaram o pensamento educacional no Triângulo Mineiro manifesto pela imprensa através do Jornal “O Triângulo”, de Araguari. Em que pese a orientação política do jornal atender aos pressupostos do pensamento católico, as concepções educacionais ali apresentadas se vinculam a propostas progressistas defensoras da noção de progresso no estado, diferindo-se do entendimento católico da educação, tal qual demonstraremos um pouco mais a frente.



Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936



Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936

a applicação do ensino da
 Agricultura, através das Es-
 colas Normaes, Primarias e
 Appendizados Agricolas.
 E' o fructo dessa longa
 pratica e tirocinio que apre-
 senta á consideração dos in-
 teressados no seu precioso
 livro, que instrue ao mesmo
 tempo que procura conven-
 cer os leitores sobre a neces-
 sidade do Estudo da agri-
 cultura na Escola Primaria
 Rural, como meio de evitar
 os males supra citados.

Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936

Os leitores sobre a neces-
 sidade do Estudo da agri-
 cultura na Escola Primaria
 Rural, como meio de evitar
 os males supra citados.
 Depois mostra, usando fun-
 damentada argumentação, a
 função da Escola na Eco-
 nomia Rural, em muitos dos
 seus aspectos; procura orien-
 tar os professores primarios,
 sobre o modo de ministra-
 rem os conhecimentos agri-
 colas ás creanças de ambos
 os sexos.
 Apresenta os modelos de

Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936

...a Escola na Eco-
seus aspectos; procura orien-
tar os professores primarios,
sobre o modo de ministra-
rem os conhecimentos agri-
colas ás creanças de ambos
os sexos.

Apresenta os modelos de
organisação escolar, quer pri-
maria, profissional ou nor-
mal, para as zonas ruraes.

Indica os respectivos pro-
grammas. Salaria a acção
civilizadora que a Escola Pri-
maria poderá exercer no meio

...união de vi-
sos, sufragarão p
cargos, as candida-
tadas por esta folh
dr. José Jehovah S
Belchior de Godoy
Para commem
ephemeride, o d
siderado feriado
será rigorosame
o seguinte pro
tas:
A's 5 1/2 ho
cidade será ac
salva de 21 ti

O Dr.
communi

Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936

...os males. sobre o modo de ministra-
rem os conhecimentos agri-
colas ás creanças de ambos
os sexos.

Apresenta os modelos de
organisação escolar, quer pri-
maria, profissional ou nor-
mal, para as zonas ruraes.

Indica os respectivos pro-
grammas. Salaria a acção
civilizadora que a Escola Pri-
maria poderá exercer no meio
rural, quando bem orientada
no novo sentido preconizado.
Fala dos Clubs agricolas.

...por esta folha
dr. José Jehovah Sa
Belchior de Godoy
Para commem
ephemeride, o dia
siderado feriado
será rigorosament
o seguinte progr
tas:
A's 5 1/2 horas
cidade será acor
salva de 21 tiro

O Dr.
communi
que, tenc
Arcino S
de São S
rio no P

Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936

...rural, quando bem orientada
no novo sentido preconizado.
Fala dos Clubs agricolas.
Demonstra o papel de o-
rientadora da professora pri-
maria, a necessidade de ha-
bilitar-se convenientemente
no novo mister a que é so-
licitada a colaborar, por meio
de estudo da agricultura em
cursos regulares.
Entende que depois de
sufficientemente preparadas

...communi-
que, tendo
Arcino S
de São S
rio no P
reside
das 8
tarde.
Na
bastião
casos
recer
ma de
dos os

Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936

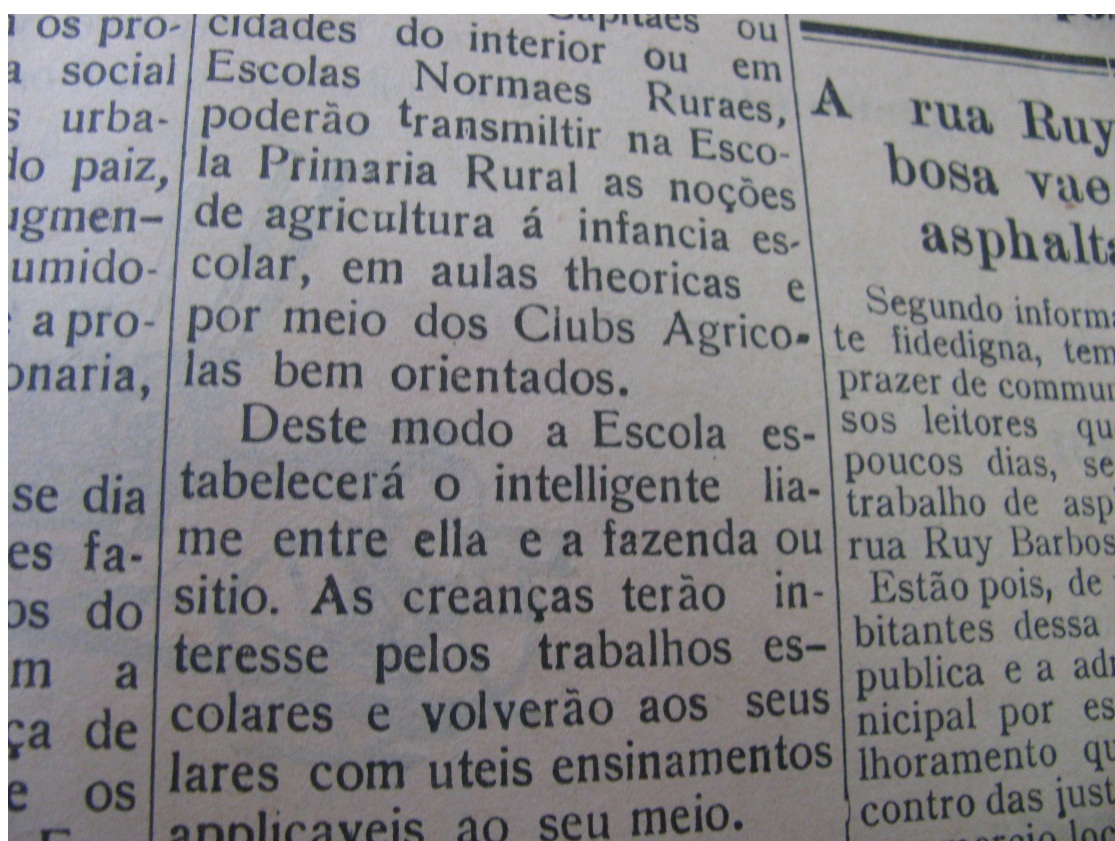
...licitada a colaborar, por meio
de estudo da agricultura em
cursos regulares.
Entende que depois de
sufficientemente preparadas
as professoras em Escolas
Normaes das Capitaes ou
cidades do interior ou em
Escolas Normaes Ruraes,
poderão transmiltir na Esco-
la Primaria Rural as noções
de agricultura á infancia es-
colar, em aulas theoricas e

...tarde.
Na ref
bastião, e
casos de
recer do
ma desv
dos os t

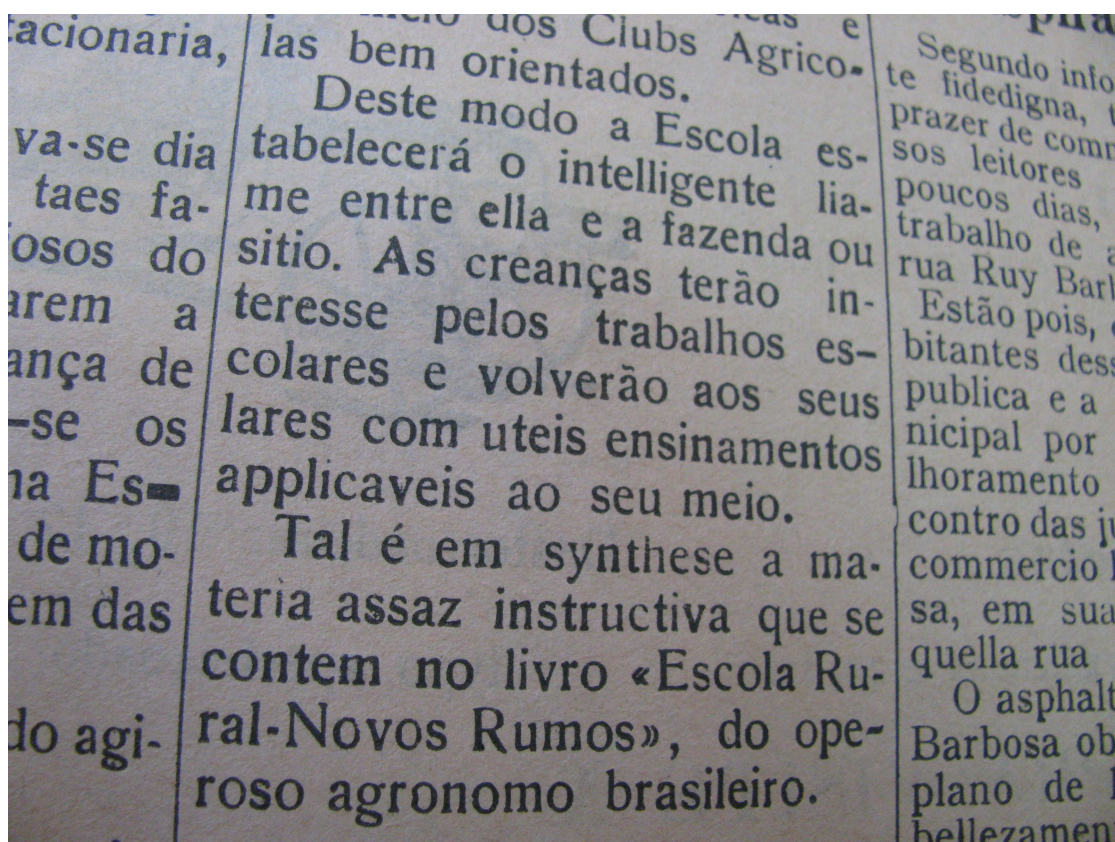
A rua
bosa
as]

Segund
te fidedig

Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936



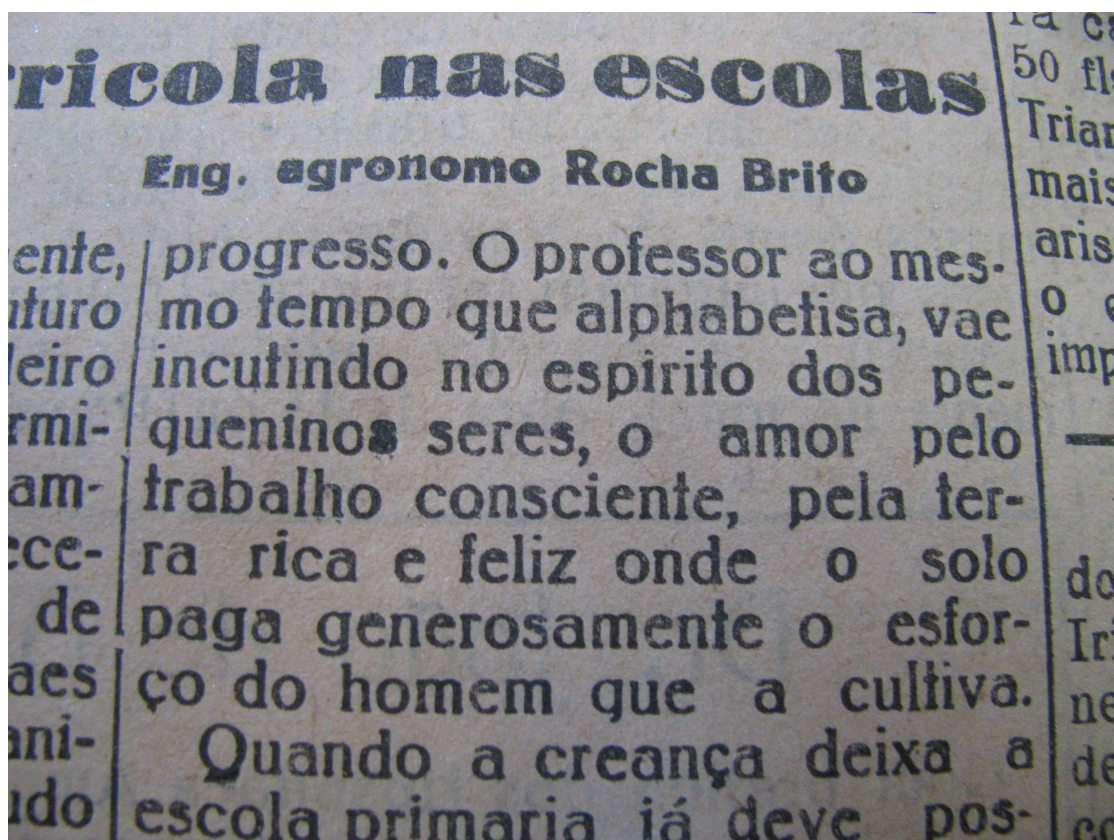
Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936



Fonte: O Triângulo 26 de julho de 1936



Fonte: O Triângulo 15 de novembro de 1936



Fonte: O Triângulo 15 de novembro de 1936

A região do Triângulo Mineiro, também, participou de um debate nacional sobre a questão dos elevados índices de analfabetismo no Brasil. A análise das fontes demonstrou uma preocupação inerente ao analfabetismo negar os discursos inerentes ao progresso existentes na nação. O analfabetismo era a prova concreta do atraso econômico, político e social de um país. Isso se dava pela influência das matrizes liberais oriundas do pensamento iluminista que entendiam que o século XX seria o período histórico mais avançado de toda a história da humanidade, produzindo homens, através do acesso à tecnologia, mais sábios de toda a existência da humanidade.

Essas afirmações se baseavam nas profundas mudanças em curso na sociedade capitalista movimentadas pela concepção de progresso como desdobramento dos avanços tecnológicos oriundos da primeira revolução tecnológica. Esses pressupostos se materializaram em diferentes áreas do conhecimento e produção cultural. Na literatura, a produção de Júlio Verne sobre a chegada dos homens na Lua e no fundo do mar.

Estava em jogo uma concepção de sociedade movida pela centralidade do homem e suas ações. Engels criticou as dimensões metafísicas ainda existentes na sociedade ao afirmar: “A idéia geral mais elevada alcançada pelas ciências naturais do período considerado é a da congruência da ordem estabelecida na natureza, a teleologia vulgar de Wolff, segundo a qual os gatos, foram criados para devorar os ratos, os ratos para ser devorados pelos gatos e toda a natureza para demonstrar a sabedoria do criador.” (Engels, 1952, s/p)

A existência de pressupostos metafísicos como explicadores da essência da sociedade sofreu diversas críticas tanto na Filosofia, como de segmentos das ciências naturais.

A primeira brecha nessa concepção fossilizada da natureza não foi aberta por um naturalista, mas por um filósofo. Em 1755 apareceu a História Natural do Mundo e Teoria do Céu, de Kant. A questão do impulso inicial foi eliminada; a Terra e todo o sistema solar surgiram como algo que se desenvolve no transcurso do tempo. Se a maioria esmagadora dos naturalistas não tivesse em relação ao pensamento a aversão que Newton exprimiu na advertência “Física, guarda-te da metafísica!”, a genial descoberta de Kant lhes teria permitido fazer deduções que poriam fim ao seu interminável extravio por sinuosos despenhadeiros e poupado o tempo e o esforço dissipados copiosamente ao seguir falsas direções, uma vez que a descoberta de Kant era o ponto de partida para todo progresso ulterior. Se a Terra era alguma coisa que havia chegado a ser, alguma coisa que também havia chegado a ser era o seu estado geológico, geográfico e climático,

assim como suas plantas e seus animais; a Terra não só devia ter sua história de coexistência no espaço, mas também de sucessão no tempo. Se as ciências naturais houvessem continuado sem tardança e de maneira resoluta as investigações nesse rumo, estariam hoje muito mais adiantadas. (Engels, 1952, s/p)

De acordo com Lucena (2010a) as descobertas sobre o movimento das estrelas colocaram princípios para a percepção da Terra em movimento e em mutabilidade constante, sujeita a transformações nos organismos vivos em seu interior.

Enquanto isso, a física fizera enormes progressos, cujos resultados foram resumidos quase simultaneamente por três pessoas em 1842, ano que marcou época no setor das ciências naturais⁸. Mayer, em Heilbronn, e Joule, em Manchester, demonstraram a transformação do calor em força, mecânica e da força mecânica em calor. A determinação do equivalente mecânico em calor pôs fim a todas as dúvidas a respeito. Enquanto isso, Grove, que não era um naturalista, mas um advogado inglês, demonstrava, mediante uma simples elaboração dos resultados isolados já obtidos pela física, que todas as chamadas forças físicas - a força mecânica, o calor, a luz, a eletricidade, o magnetismo e inclusive a chamada energia química - transformavam-se umas em outras em determinadas condições, sem que se produzisse a menor perda de energia. Grove provou assim, uma vez mais, com suas investigações no domínio da física, o princípio formulado por Descartes ao afirmar que a quantidade de movimento existente no mundo é sempre a mesma. Graças a essa descoberta, as diferentes forças físicas, essas "espécies" constantes, por assim dizer, da física, diferenciaram-se em variadas formas do movimento da matéria, que se transformavam umas em outras de acordo com leis determinadas. Desterrou-se da ciência a casualidade da existência de tal ou qual quantidade de forças físicas, mas ficaram demonstradas suas interconexões e transições. A física, como antes a astronomia, chegou a um resultado que indicava necessariamente o ciclo eterno da matéria em movimento como a última conclusão da ciência. O desenvolvimento maravilhosamente rápido da química a partir de Lavoisier, e sobretudo a partir de Dalton, atacou por outro flanco as velhas concepções da natureza. A obtenção, por meios inorgânicos, de compostos que até então só haviam sido produzidos nos organismos vivos, demonstrou que as leis da química tinham a mesma validade tanto para os corpos orgânicos como os inorgânicos e superou em grande parte o pretenso abismo entre a natureza inorgânica e a orgânica, abismo que Kant considerava insuperável pelos séculos dos séculos. (idem. *ibid*: s/p)

Lucena (2010a) demonstra que Charles Darwin desenvolveu teoria afirmando o protoplasma e a célula, como formas orgânicas inferiores com existência independente, colocando princípios que rediscutiram as relações entre a natureza inorgânica e a orgânica na evolução dos organismos.